



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

BRUNA LUÍZA LEITE DA SILVA

**O RETRATO DA GUERRA DE CANUDOS A PARTIR DE EUCLIDES DA CUNHA:
UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PARA A
CONFIGURAÇÃO DA MEMÓRIA**

**Salvador
2014**

BRUNA LUÍZA LEITE DA SILVA

**O RETRATO DA GUERRA DE CANUDOS A PARTIR DE EUCLIDES DA CUNHA:
UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PARA A
CONFIGURAÇÃO DA MEMÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof.^o Dr.^o José Roberto Severino

Salvador

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BRUNA LUÍZA LEITE DA SILVA

O RETRATO DA GUERRA DE CANUDOS A PARTIR DE EUCLIDES DA CUNHA:
UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO PARA A
CONFIGURAÇÃO DA MEMÓRIA

MONOGRAFIA SUBMETIDA À AVALIAÇÃO DA COMISSÃO JULGADORA COMO REQUISITO PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA, PELA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

EXAMINADORES:

JOSÉ ROBERTO SEVERINO (ORIENTADOR)

Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Comunicação
Doutor em História Social (USP)

Leonardo Figueiredo Costa

Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Comunicação
Doutor em Cultura e Desenvolvimento pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA)

Lindalva Silva Oliveira Rubim

Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Comunicação
Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Por tudo na minha vida agradeço antes a Deus, pois além de me conceder a vida, me permitiu chegar até aqui. Graças a Ele tenho uma família maravilhosa, anjos em forma de amigos e um esposo companheiro que não apenas acredita no meu potencial como estimula isso em mim todos os dias.

Agradeço a meu pai, irmãos, família, a minha sobrinha linda Eduarda que eu amo tanto. Agradeço a minha mãe Lenira pelo apoio, principalmente pelo amor, educação, confiança e incentivo suficientes para seguir em frente.

Agradeço a Djalma, que me ama e esteve comigo nas infundáveis madrugadas escrevendo, revisando textos milhares de vezes e tendo paciência nos meus momentos de desespero.

Agradeço a todos os amigos que ingressaram comigo em 2011, Nádia, Carine, Adriana, Denise, Edvan, Ana Santos, Gabriel e Sandrinalva que me acompanharam nos momentos de seriedade e diversão e a todos que participaram da minha vida, me incentivando e contribuindo para minha formação.

Agradeço em especial, a Ana Rios, Flávia Renata e Carla Neves pelos bons e maus momentos, amigas que sei que poderei contar por toda a vida. Elas são irmãs que ganhei de presente de Deus e que vou cuidar e lembrar com carinho sempre. O incentivo delas, amizade e força contribuíram de forma significativa para eu ter chegado até aqui.

Ao meu professor orientador Roberto Severino possuidor do conhecimento, que me ajudou no aprendizado não somente na orientação da conclusão do curso, como também nas disciplinas lecionadas por ele.

Agradeço em especial a João Vanderlei de Moraes Junior pela sua generosa contribuição a esta pesquisa, agradeço seus relatos de vivências no sertão, seus livros, histórias, incentivos e agradeço principalmente a sua infinita boa vontade em colaborar com esse trabalho tão especial para mim.

Ao Memorial Antônio Conselheiro, em Canudos (BA), pelos materiais (documentos, filmes e outros) disponibilizados, ao professor Roberto Dantas e Andréa Mascarenhas pelas contribuições pertinentes à pesquisa.

Agradeço em especial ao professor Sérgio Sobreira com quem compartilhei o sonho daquilo que veio a ser este trabalho, agradeço não apenas sua contribuição na pesquisa, mas também o carinho, amizade e paciência tão importantes para mim e meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço a amiga Neusa Martins com as revisões e puxões de orelha. Aos professores durante os anos de graduação, Maria Carmen e Fernando Conceição pela contribuição na pesquisa, ensinando e mostrando caminhos na busca da informação. Aos amigos que fiz ao longo da minha vida, sobretudo os que trouxeram lembranças especiais e contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui.

“... Estamos condenados a civilização. Ou progredimos ou desaparecemos”.

Euclýdes da Cunha (1982, p. 60)

“Porém o Senhor disse a Samuel: não atentes para a sua aparência, nem para a grandeza da sua estatura, porque o tenho rejeitado; porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração”.

I Samuel 16:7

RESUMO

A presente pesquisa refere-se a importância de trazer à público um olhar sobre a contribuição de Euclides da Cunha para a configuração da história de Canudos e como esse relato interferiu na abordagem da Guerra atualmente, através de pesquisas de documentos históricos que possuem grande relevância social. Esse trabalho contou com pesquisa ao Acervo Documental da Guerra de Canudos, levantando informações a respeito do tema proposto. A partir dos dados analisados sobre a Guerra de Canudos pôde-se obter através dos acervos preservados no Memorial de Canudos no interior da Bahia, nos diversos filmes sobre a Guerra e em livros, artigos e críticas de Canudos e Euclides da Cunha, a resposta para o tema abordado. A estrutura organizacional da pesquisa inicialmente faz um breve resumo da história da Guerra, a importância para a sociedade como preparação e esclarecimento dos capítulos propostos e o conceito de algumas palavras-chave como forma de fundamentar a defesa do tema. A partir de autores que estudaram a história dos vencidos serviram como argumento para mostrar como Euclides permitiu a Canudos se destacar dentre os vencidos comumente abordados como derrotados. Conclui-se baseado na fundamentação teórica, elevando a importância da aplicação do tema proposto a partir de um quadro comparativo entre duas revistas baianas trimestrais que, em 1997, dedicaram suas edições para tratar do centenário da Guerra. Isso permitirá que esse trabalho ofereça possibilidades de compreensão dentro da comunicação e da cultura, em como se deram as transformações dessa história específica e como a comunicação tem referência para escrever a história.

Palavras-chave: Guerra de Canudos, Euclides da Cunha, escrita da história, sertão.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Fig. 1	Pintura retratando Canudos antes da guerra.	15
Fig. 2	Antônio Conselheiro morto, em sua única foto conhecida, tirada por Flávio de Barros no dia 6 de outubro de 1897.	19
Fig. 3	Mulheres e crianças, seguidoras de Antônio Conselheiro, presas durante os últimos dias da guerra.	19
Fig. 4	Foto do acervo da Guerra exposta no Memorial de Canudos	20
Fig. 5	Quadro I - Comparativo sobre a abordagem das revistas	32
Fig. 6	Quadro II - Comparativo sobre a abordagem das revistas	33
Fig. 7	Quadro III - Comparativo sobre a abordagem das revistas	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	BREVE HISTÓRICO DA GUERRA DE CANUDOS	13
2.1	Sertão	21
2.2	Escrita da história e identidade	23
2.3	História dos vencidos	25
3	COMUNICAÇÃO	27
3.1	A comunicação e sua importância na configuração da memória	28
3.2	Importância da história de Canudos para o Estado e sociedade	29
4	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	32
5	ANÁLISE DOS QUADROS	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	40
	ANEXOS	44
	Anexo A – Capa da Revista Via Bahia	44
	Anexo B – Capa da Revista da Bahia	45
	Anexo C – Capa da Revista Outros Sertões	46

1 INTRODUÇÃO

No intuito de mostrar a importância de se propagar informações históricas para a sociedade contemporânea como fonte de saber, conhecimento e identidade cultural, tomou-se como referência a história da Guerra de Canudos, sendo a comunicação e a importância do livro “*Os Sertões: Campanha de Canudos*” na forma positiva como Canudos é tratada atualmente, os principais motivos a desenvolver essa pesquisa.

Falar em Euclides da Cunha sempre remete a sua mais conhecida obra: “*Os Sertões: Campanha de Canudos*” (para a análise deste trabalho foi utilizada a 9ª edição de 2007). Diante de um cenário de guerra, o comunicador atuante como jornalista, fez o seu relato pessoal o mais fiel possível sobre um massacre que dizimou uma cidade do sertão baiano.

A presente pesquisa intitulada: “*O retrato da Guerra de Canudos a partir de Euclides da Cunha: um olhar sobre a importância da comunicação para a configuração da memória*” pretende analisar a Guerra de Canudos através da forma como ela é abordada atualmente, qual a importância do livro de Euclides da Cunha para essa atual abordagem e como a comunicação contribuiu e ainda contribui para a - configuração da memória de um povo.

Diante de uma variedade de ferramentas tecnológicas, ao avanço dos meios de comunicação, em uma sociedade que, cada vez mais têm se preocupado com os avanços tecnológicos, parece impensável refletir em como a comunicação progrediu ao longo dos anos e como isso influencia as pessoas. Há um ditado popular que diz que a história é contada pelos vencedores. Se esse ditado fosse levado à risca, a história de Canudos seria outra, a de um povo rebelde que se opôs à República recém-instaurada, contaminando regiões próximas com seus ideais baseados na fé de um homem. A importância que a história da Guerra de Canudos teve para sociedade política e cultural (não só da Bahia, mas também do Brasil), se inicia a partir da instauração do poder republicano, onde um peregrino nordestino fundou no sertão baiano, em Canudos, o Arraial do Belo Monte.

Ao analisarmos o contexto histórico, podemos observar que por trás dessa justificativa havia uma república nova e diante do período de transição que passava

o país (do Império Monárquico para a república), esse novo Estado ainda estava em fase inicial (fragilizado) e, portanto, temiam que a revolta de Canudos interferisse na implementação das novas políticas apresentadas pelo movimento republicano, a exemplo do pagamento de impostos que não fazia parte do Império Monárquico. Logo, transforma Canudos em revoltados, opositores e ao reprimir tais atos, afirmava um governo que possuía o controle da ordem.

A coragem de Euclides da Cunha em retratar a Guerra de Canudos da forma como ela aconteceu de fato (fazendo dos perdedores os verdadeiros heróis da guerra) e a preocupação com qual história seria retratada como verdadeira, nos faz refletir qual a importância da comunicação para a configuração da memória de um povo visto que, de certo modo, os costumes antigos ainda existentes, tradições e heranças culturais dizem muito do que somos.

Esse trabalho parte de inquietações sobre possíveis contribuições de Euclides da Cunha através e de sua obra, para a forma como Canudos é retratada atualmente e sua contribuição para a cultura e a comunicação, considerando as transformações de uma história através da comunicação e sua influência e poder para escrever a história.

O livro “*Os sertões: Campanha de Canudos*” além de ser uma obra de importância cultural imensa, é diferenciada por conta de sua riqueza de detalhes e cenários da guerra, postos de forma a permitir o leitor visualizar de forma precisa os acontecimentos da época. Mesmo mais de cem anos depois de seu lançamento (1902), o livro continua atual principalmente pelos problemas sociais apresentados, similares aos que se tem atualmente como miséria, descaso do poder público diante da pobreza/ problemas sociais, dentre outros oriundos da falta de atenção do Estado para com o povo mais pobre.

Segundo Léa Costa Santana Dias, professora de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, desde 1902, ano de lançamento da primeira edição de *Os Sertões*, o livro teve até então (2014) mais de 51 edições em português e várias traduções por todo o mundo: “...Espanhol (1941), inglês (1945), francês (1947), holandês (1954), chinês (1959), alemão (2000), sueco, italiano, japonês, dinamarquês, além de excertos em russo.” (DIAS, 2005, p. 60).

A obra apresentada por Euclides da Cunha fez um retrato de toda a Guerra de Canudos, antes, durante e depois. Para melhor compreensão do leitor, ele divide a obra em três grandes partes importantes: *A Terra, O Homem e A Luta*. Na primeira parte ele apresenta ao leitor uma compreensão a partir da terra (o solo), o clima, as secas constantes e todo o contexto histórico da época (meados de 1896) antes do estopim da Guerra. Na segunda parte ele fala sobre os habitantes de Canudos, suas crenças, costumes e apresenta o líder Antônio Conselheiro. Nessa fase inicial, Euclides apresenta o cenário e seus “personagens” para chegar ao ponto principal que é a luta dos moradores de Canudos em defesa do Arraial. Na terceira parte é uma descrição da Guerra, a atuação da República, ou seja, um verdadeiro relato de toda dor, miséria e alienação que uma guerra pode proporcionar, principalmente pelos argumentos da República não serem suficientes para uma justificativa do envio das quatro expedições ao Arraial de Canudos.

A partir dessas informações, analisando a forma como esse acontecimento foi retratado em setembro de 1997 por diversos meios de comunicação (impressos, audiovisuais, dentre outros) quando a Guerra de Canudos estava prestes a completar 100 anos, pôde-se observar como a obra de Euclides da Cunha foi utilizada por duas revistas baianas lançadas na época, em memória ao centenário da Guerra que mostrou como a obra Euclidiana trouxe a transcrição da história da guerra mais utilizada para estudos, e como o livro interferiu na imagem da Canudos abordada nos dias atuais.

A importância de abordar a história da Guerra de Canudos como motivo que levou à exploração do tema foi, não apenas para dizer se houve interferência na forma como Canudos é retratada atualmente, mas como também mostrar a importância da comunicação dentro desse processo, fundamentado nos autores que escreveram sobre o tema. Como forma de resolução da problemática, tendo em vista a necessidade de identificar se houve contribuição de Euclides da Cunha na forma como Canudos é retratada, verificou-se primeiramente o arquivo da Guerra existente na região e analisou-se também a existência da abordagem dos 100 anos da guerra em revistas e livros lançados em 1997 com essa temática.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, um estudo de caso com tema exploratório, como afirma Marconi e Lakatos (2007) ao explicar que tipos de pesquisas exploratórias:

São investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Para enriquecimento desta pesquisa, inicialmente, estipulou-se como amostra o relato da guerra contada em edição especial da *Revista da Bahia*, com publicação trimestral lançada em 20 de setembro de 1997, dedicando 50% de sua pauta para o aniversário de 100 anos do fim da Guerra; e a edição da *Revista Via Bahia*, também com publicação trimestral lançada em setembro/1997, dedicou da página 14 à 17 uma nota ao centenário com o título “*Justiça seja feita*”, e um artigo de Léa Costa Santana Dias intitulado “*Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos*” lançado na *Revista Outros Sertões* de junho de 2005, falando como o livro se consagrou ao longo do tempo como referência para os estudos sobre essa guerra. As informações reunidas são apresentadas em quadros comparativos para facilitar a análise e proporcionar compreensão deste estudo.

2 BREVE HISTÓRICO DA GUERRA DE CANUDOS

Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, nasceu em 13 de março de 1830 no povoado de Quixeramobim, interior do Ceará, cresceu atendendo os desejos dos seus pais de seguir a carreira sacerdotal, pois naquela época era o único meio de um pobre se destacar socialmente. Após a morte de sua mãe o objetivo de se tornar um padre teve fim. Seu pai casou-se novamente e a partir daí passou a sofrer maus tratos de sua madrasta. Em 1855 com morte de seu pai, Antônio Maciel abandonou os estudos e foi obrigado a cuidar dos bens da família, que logo se transformam em dívidas. Dois anos depois casou-se com uma prima, assumiu o trabalho de professor primário de filhos de comerciantes e fazendeiros e mais tarde tornou-se advogado prático, defendendo os pobres e indefesos em troca de pequena remuneração. Mudou-se constantemente em busca de melhoria de vida passando por Campo Grande (atual Guaraciaba do Norte), depois de Santa Quitéria, chegando a Ipu. Em 1861 flagrou sua mulher em ato de adultério em sua própria residência. Humilhado e abatido muda-se para Cariri, onde em 1874 o Jornal de Sergipe – O Rabudo – traz em sua notícia o início da peregrinação do futuro líder do Arraial de Canudos, até então inofensivo aos olhos da sociedade.

“Há seis meses que por todo o centro desta Província e da Província da Bahia, chegado (diz ele) do Ceará, infesta um aventureiro santarrão que se apelida por Antônio dos Mares. O que a vista dos aparentes e mentirosos milagres que dizem ter ele feito, tem dado lugar a que o povo o trate por São Antônio dos Mares. Esse misterioso personagem, trajando uma enorme camisa azul que lhe serve de hábito a forma do de sacerdote, pessimamente suja, cabelos mui espessos e sebosos entre os quais se vê claramente uma espantosa multidão de bichos (piolhos). Distingue-se pelo ar misterioso, olhos baços, tez desbotada e de pés nus; o que tudo concorre para torná-lo a figura mais degradante do mundo”. (O Rabudo, 1874).

Em 1876, o peregrino Antônio Conselheiro é preso na Bahia e levado para o Ceará acusado de ter matado sua mãe e esposa, seu fervor religioso e o prestígio entre os pobres aumentaram no período em que esteve preso, pois passaram a vê-lo como um mártir. Diante da falta de provas e por sua mãe ter falecido quando tinha seis anos concluiu-se inocente. Livre, Conselheiro agora volta ao sertão baiano retomando sua peregrinação recuperando cemitérios, construindo igrejas, fez

melhoramentos significativos o que acabou atraindo vários sertanejos, um verdadeiro exército de seguidores. De início eram poucos mas com o tempo Canudos teve um considerável aumento ao ponto de assustar as autoridades de uma República recém instaurada. Com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Izabel em 1888, muitos escravos recém-libertos e expulsos das fazendas foram em busca de abrigo na Canudos de Antônio conselheiro. Seus conselhos era um dos principais motivos que propiciava o crescimento populacional dos seus seguidores.

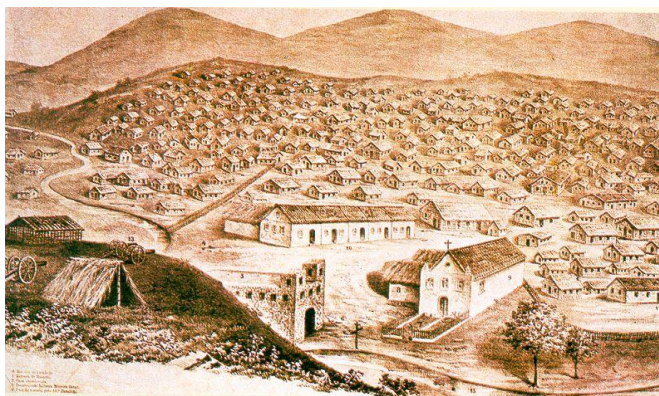
Antônio Carlos Olivieri, em seu livro “*Canudos*” da coleção guerras e revoluções brasileiras (1994, p. 4-6) faz um resumo lembrando os principais acontecimentos que cercaram o início da República no Brasil. Em 15 de novembro de 1889 se iniciava no Rio de Janeiro uma nova política brasileira, com um Golpe de Estado Militar liderado por Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República dos Estados Unidos do Brasil. Firmado então o “Governo Provisório” republicano, o próprio Marechal foi designado como presidente da República e chefe do Governo Provisório e o Marechal Floriano Peixoto como vice-presidente. Quando Canudos estava em processo de construção, a República dos Estados Unidos do Brasil estava sendo governada pelo presidente Prudente de Moraes. Olivieri (1994) em sua obra relembra as transformações que o país passava com a constante troca de liderança política (Marechal Deodoro da Fonseca/ Floriano Peixoto/ Prudente de Moraes) e como isso interferiu nas manifestações que ocorriam, ora pelos fazendeiros que se posicionavam contra o processo de industrialização do Brasil, ora pelos empresários a favor da industrialização diante da inflação causada pela gestão do ministro da economia Ruy Barbosa.

O considerável crescimento dos seguidores e o cansaço das andanças de Conselheiro pelo nordeste, fez com que no ano de 1893, Antônio Conselheiro pensasse na estabilidade do povo se firmando definitivamente em uma fazenda abandonada às margens do rio Vaza-Barris, ao norte da Bahia, ficando conhecida como Canudos. O povoado criado por Conselheiro foi chamado de Belo Monte e Canudos rapidamente se transformou em uma cidade cuja população chegava a mais de 25 mil habitantes, pois a vila em claro progresso atraía o povo de todas as regiões sertanejas para integrar o Arraial de Belo Monte. O crescimento de Canudos não era apenas pelos os milagres aparentes, mas as palavras de conforto trazidas pelo “Bom Jesus Conselheiro” bem como a prosperidade dentro do Arraial contribuiu

consideravelmente para esse crescimento. A seguir, dados citados por um texto de Yara Ataíde (1994) que procura analisar exatamente os aspectos demográficos do arraial ao afirmar que:

Em 1893, data do início da formação do Arraial, Canudos já contava com 1.250 sertanejos, segundo dados citados em *Os Sertões*, 9ª edição (2007) e tido como corretos pela maioria dos autores que tentou fazer uma estimativa do crescimento populacional de Canudos. Segundo esta mesma fonte, em 1895 a fazenda Belo Monte reunia cerca de 5.000 habitantes e, finalmente, em 1897 congregaria os 25.000 que terminaram debelados pelo exército. (ATAÍDE, 1994)

Figura 1 – Pintura retratando Canudos antes da guerra.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos (acesso em: 01 de julho 2014)

Os rumores de que estaria se formando um movimento contrário a República foi muito além do sertão baiano, passando os conselheiristas a serem identificados como os defensores da restauração monárquica. Também conhecido como o “Bom Jesus”, Antônio Maciel era contra a cobrança de impostos e ao casamento civil.

Marco Antônio Villa em sua obra “*Canudos. O povo da terra*” acreditava que o livro de Euclides ajuda a compreender a experiência conselheirista como um grande momento da história nordestina, onde os sertanejos lutaram para construir um mundo novo, enfrentando o Estado dos “*landlords*” (senhores de terras, proprietários rurais). D. Macedo Costa enviou a Canudos Frei João Evangelista, que, além de rezar missas, fazer batizados ou casamentos deixava clara sua missão de aconselhar o povo da aceitação da nova ordem institucional e que se dispersassem de Belo Monte e voltassem de onde vieram, acabando sendo expulso do local, afirmando que:

A seita político-religiosa, estabelecida e entrincheirada nos Canudos, não é só um foco ou superstição e fanatismo, é um pequeno cisma na igreja baiana, é, principalmente, um núcleo na aparência desprezível, mas um tanto perigoso e funesto de ousadia, resistência e hostilidade ao governo constituído pelo país. (MARCIANO, 1895, p.2)

Estas informações não foram suficientes para que o governo estadual considerasse o Arraial de Canudos um perigo para o desenvolvimento republicano, desencadeando em 1896 a primeira campanha em Uauá a partir de rumores de que aliados de Conselheiro causariam possíveis transtornos devido a um atraso de material solicitado para a construção da Igreja Nova. Foi solicitado pelo juiz Arlindo Leone (que possuía antigas divergências com Conselheiro) ao então governador Luís Viana uma expedição com 100 praças que foi derrotada com alto índice de repercussão negativa da opinião pública aumentando o prestígio de Canudos.

A segunda campanha ocorreu de 25 de outubro de 1896 a 20 de janeiro de 1897 com 537 praças, 14 oficiais e 03 médicos sendo surpreendida por uma emboscada feita pelos moradores do Arraial fazendo os fuzileiros se dispersar do local.

A terceira Expedição Militar contra Canudos aconteceu de 07 de fevereiro a 04 de março de 1897 com mil e trezentos homens, subestimando seu adversário foram atingidos logo na chegada em Canudos sendo noticiado no jornal O Estado de São Paulo em 09 de março:

“[...] Que o presidente da república não se iluda sobre o sentido da agitação latente em grande parte do território brasileiro e, apenas na Bahia, em armas. Trata-se da restauração; conspira-se, forma-se o exército imperialista (SIC) [...]. Em grande parte do Brasil trama-se contra a República e o movimento da Bahia é exclusivamente uma manifestação desse trabalho”. (O ESTADO DE S. PAULO, 9 de março de 1897, p. 45)

Com uma nova emboscada, um dos principais chefes dos jagunços de Conselheiro causou pânico na tropa com 116 mortos, 13 oficiais e 120 feridos causando grande impacto no cenário nacional com a mensagem enviada por Luís Vianna ao Presidente da República conforme relata Olivieri (1994).

O primeiro registro oficial do Governo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e a fazenda Belo Monte só aparece na “mensagem ao Presidente da República” datada de 15 de março de 1897, depois, portanto, da morte de Moreira César. A essa altura o governador baiano já era Luiz Vianna e este documento procurava não apenas

demonstrar seu pesar pela “perda irreparável de uma porção de seus filhos, que honrando o exército brasileiro fora dele arrebatado pela fúria do fanatismo aplaudido pelos inimigos das instituições vigentes...” (HERMANN, 1996, p. 81-105.), como pretendia justificar o gravíssimo incidente que deixara seu governo sob suspeita. Isto porque esse momento explicitou de forma contundente a oposição dos chamados “jacobinos”, grupo heterogêneo e radical composto por intelectuais, parlamentares, políticos ligados a oligarquias estaduais, e sobretudo militares, adeptos da retomada do poder pelo Exército. (HERMANN, 1996, p. 81-105.)

De 05 de abril a 05 de outubro de 1897 foi o período que durou a quarta expedição, comandada por duas colunas, sendo a primeira composta por 3.415 homens, 12 canhões Krupp e um canhão Withworth 32 (conhecida pelos conselheiristas por matadeira), saía de Queimadas passando por Monte Santo. A segunda expedição, composta de 2.340 homens parte de Sergipe em tropas isoladas, agrupam-se em Jeremoabo (BA) seguindo para Canudos.

Enviado como correspondente pelo jornal Folha de São Paulo, Euclides da Cunha que possuía uma visão totalmente negativa dos conselheiristas, ao chegar a Canudos visualiza uma situação oposta ao que lhe fora passado, percebendo que aquele povo buscava apenas liberdade e melhores condições de vida. A partir daí, narra com a mais próxima fidelidade os acontecimentos transformando na maior obra da Guerra de Canudos – *Os Sertões*, ficando em Canudos até dois dias antes do final da Guerra.

No dia 11 de setembro de 1897, Euclides da Cunha chega ao Arraial de Canudos e, ao se deparar com uma cidade transformada em um cemitério a céu aberto, onde era possível ver os corpos dos jagunços expostos, em avançado estado de decomposição e degolados, em um lugar simples e até então tranquilo como o sertão baiano, era grande o espanto diante de um cenário surpreendente que o fez repensar os conceitos que até então o levava a servir fielmente a República, o Estado maior. A partir de agora, o fato de ser testemunha ocular dessa tragédia o fez repensar o amor e fidelidade que o levou a Canudos aos gritos de “viva a República”. (TAVARES, 1993, p.21.)

Neste momento Euclides mudou sua concepção acerca dos canudenses, proporcionando a eles uma nova história que seria contada a partir daquela triste impressão. Ainda em terras sertanejas, Euclides já era outro, a mudança podia ser notada não apenas no seu semblante, mas nos seus pedidos de justiça para o

sertanejo que ele teve a oportunidade de conhecer, o outro lado da história o qual a partir daquele momento seria contada. Ao final da Guerra, em seu retorno a São Paulo, Euclides presenteia Canudos com sua obra *Os Sertões*, como nos fala Odorico Tavares em sua obra “*Canudos, cinquenta anos depois*” (1993):

“Três anos depois, o repórter Euclides da Cunha erguia seu monumento aos heróis de Canudos – a soldados e jagunços, aos brasileiros que a ignorância dos governos jogou uns contra os outros, numa carnificina sem precedentes. Não só o Brasil, mas o mundo inteiro enriquecia-se com a grandeza de *Os Sertões*”

Diante de um equívoco, ou não, a primeira expedição foi enviada a Canudos, devido a um rumor de invasão dos canudenses a cidade, sendo que (segundo dados retirados da 2ª edição da *Revista da Bahia* de 1997, o que culminou a revolta foi o atraso da entrega de um material já pago, solicitado por Conselheiro para a construção da nova igreja dentro do Arraial de Canudos, e como forma de apressar a entrega, ameaçou o comerciante responsável pela entrega dizendo que ou o material era entregue ou a cidade seria invadida pelos jagunços de Conselheiro. Daí teve início o massacre do qual se sabe até os dias de hoje.

Em 22 de setembro de 1897 por estilhaços de granada para alguns, e, para outros foi uma “caminheira” (disenteria) morre Antônio Conselheiro, sendo suas últimas palavras em Belo Monte:

“É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim bastantemente. São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceita a minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino”. (NOGUEIRA, 1974, p.181)

É possível fazer uma comparação entre a estrutura de equipamentos de guerra existentes para denotar a covardia com que Canudos foi atacada, através da figura 4, retirada no Memorial Antônio Conselheiro, onde estão expostas as armas utilizadas pelos jagunços de Conselheiro, elas variavam de pedaços de pau e lanças ao desarme dos soldados republicanos, enquanto o armamento das forças legais

iam desde canhões à mais poderosa de todas: a palavra escrita publicada, desenhando o retrato de um povo fanático e contrário ao progresso da nação.

Figura 2 – Antônio Conselheiro morto, em sua única foto conhecida, tirada por Flávio de Barros no dia 6 de outubro de 1897.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Conselheiro (Acesso em 01 de julho 2014)

Figura 3 – Mulheres e crianças, seguidoras de Antônio Conselheiro, presas durante os últimos dias da guerra.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos (Acesso em 01 de julho 2014)

Em primeiro de outubro de 1897, houve um enfraquecimento das tropas de Canudos ao serem surpreendidos em suas táticas e guerrilha e com isso em 05 de outubro de 1897 Canudos foi destruída após um pedido de paz ter sido realizado e ignorado, levando à degola dos que haviam se rendido sob a promessa de terem suas vidas poupadas. A cidade de Canudos foi destruída, morreram os últimos resistentes e as 5.200 casas foram queimadas. O resultado da Guerra foi um saldo

aproximado de 25.000 conselheiristas mortos e 12.000 soldados representando mais da metade de todo o efetivo nacional.

Diante desses acontecimentos, por mais que os moradores de Canudos tivessem bastante familiaridade com a região e conhecesse cada estrada das terras ao redor do Arraial de Belo Monte, o exército da quarta expedição já havia cercado a cidade impossibilitando a saída (ou iminente fuga) dos conselheiristas atestando com isso o fim da Guerra. Presos dentro da cidade, os moradores estavam expostos as doenças, falta de alimentos, falta de cuidados com os ferimentos, proporcionando ao exército atestar sua vitória diante do povo reprimido, fraco e sem mais nenhuma condição física de continuar lutando.

No interior da Bahia, município de Canudos (segundo dados da Revista Via Bahia, 1997), foi inaugurado em outubro de 1997 o Memorial Antônio Conselheiro, onde é possível encontrar parte do acervo da Guerra como punhais, balas, facões, uma réplica da figura de Antônio Conselheiro em fibra de vidro feita pelo artista plástico Mário Cravo dentre outros objetos que compõe o acervo. Existe também o Museu Histórico de Canudos criado na década de 1980.

Ainda em Canudos desde 1993, existe o Parque Estadual de Canudos, que além de realizar a semana Cultural de Canudos é possível observar as ruínas de três casas construídas antes da Guerra, balas de fuzis e pedaços de cerâmica das casas.

Figura 4 – Foto do acervo da Guerra exposta no Museu Histórico de Canudos



Foto: Djalma Vieira (2014)

À falta de embasamento científico para justificar a ferocidade do ataque veio somar-se a ausência de quaisquer documentos que indicassem o compromisso dos canudenses com uma conspiração monárquica organizada. Nas ruínas do que fora o arraial, nenhum papel comprometedor, nenhuma prova que incriminasse os sertanejos da Canudos foi encontrada. Um caderno de manuscritos atribuídos ao Conselheiro achado no local também em nada podia denunciar algum compromisso político suspeito, exceto por um dos textos, chamado “Sobre a República”. (NOGUEIRA, 1978)

Apesar das acusações feitas a Antônio Conselheiro e seus seguidores de serem monarquistas e contra a nova ordem republicana, Ataliba Nogueira em sua obra acima citada, afirma nada ter sido encontrado no Arraial que provasse a ligação entre Antônio Conselheiro e o partido monarquista.

2.1 Sertão

O significado da palavra sertão ainda diverge opiniões devido ao fato das definições oriundas dos dicionários remeterem a ideia de deserto, ausência de algo, lugar distante ou mesmo um vazio. Alberto Freire escreve em seu livro *Cultura dos Sertões* (2014) que o sertão está radicalmente ligado à cultura brasileira, seja nos espaços mais analíticos como a academia, seja no cotidiano em suas várias formas de expressão. “A religiosidade, artesanato e literatura de cordel são exemplos de práticas culturalmente consolidadas que cruzaram as fronteiras sertanejas e se instalaram nos muitos campos do país.” (FREIRE, 2014).

Um território que, de maneira generalizada, é tido como antagonista na constituição da sociedade e também é peça importante para a construção de cenários artísticos, na literatura, cinema e outras expressões artísticas principalmente de artistas regionais. Autores como Guimarães Rosa (1985), Glauber Rocha (1964), Castro Alves (1870) e outros tantos, tinham o sertão como cenário de suas obras.

No livro acima citado, o também escritor Braulio Tavares (2014) ao falar sobre o sertão, mostra dentro da cultura popular brasileira, a grandeza do povo sertanejo, a riqueza cultural que possui e o quanto isso interfere ou, ao menos, deveria interferir no olhar do indivíduo urbano para o sertão. Ele cita como exemplo de conversão de ideia sobre o sertão, Euclides da Cunha que tinha uma imagem

estereotipada do sertão e do povo sertanejo. Naquela época existia um olhar não menos preconceituoso do que o olhar que se tem atualmente com relação ao povo nordestino, um olhar de um povo que era invisível, antagônico e que, de certo modo, interferia na imagem que ele (Euclides) tinha do sertão.

Diante de um cenário de guerra o que se tinha eram olhares para o sertão nordestino como de um povo fanático, jagunços cegos e persuadidos por ideais religiosos que se ludibriavam facilmente com a possibilidade de mudança na situação sociopolítica em que viviam. Braulio ao falar de Euclides da Cunha mostra como foi a “conversão” de sua concepção com o sertanejo ao chegar em terras nordestinas:

“Euclides da Cunha é o nosso exemplo de escritor convertido. Foi contratado para escrever uma história e ao chegar no local viu que os fatos eram outros. Sua honestidade intelectual o levou a quebrar o compromisso assumido e, ao invés de celebrar uma punição denunciou um crime.” (TAVARES, 2014, p.30)

Euclides da Cunha tinha um modo de pensar o sertanejo que, de algum modo, justificava a ação do Estado naquele momento, pois se esse grupo religioso não fosse barrado poderiam de algum modo interferir no progresso da nação, que naquele momento acabara de conquistar sua liberdade de um império monarquista e não queriam retroceder. Diante dos fatos apresentados pela história de que não houve provas do envolvimento de Antônio Conselheiro ou dos seus seguidores com a Monarquia, apenas reforça o olhar tradicional popular para o sertanejo, enquanto o homem urbano vivia mergulhado em um espírito de progresso e civilização onde copiavam (ou se baseavam) nos modelos europeus elitizados para compor sua cultura elitista.

Há uma diferença significativa do sertão contemporâneo ao sertão de 1897 que, em sua dimensão simbólica, é possível notar as transformações temporais que acompanham a história como mudanças políticas, o avanço da tecnologia, o crescimento da cultura dando um novo recorte à ideia de sertão, pelo menos do que se tinha há dois séculos (XIX). Durval Muniz de Albuquerque Junior confirma que:

“Dizer, pois, que os sertões são contemporâneos não é um mero gesto de descrição ou constatação, é, em si mesmo, um gesto de contestação, de problematização de questionamento dos modos de definir, descrever, dizer e fazer ver o sertão. É, portanto, um gesto político da maior importância. É romper com as imagens e

enunciados estereotipados, rotineiros, naturalizados, repetitivos, clichês sobre o sertão, a começar por enunciar a sua pluralidade interna.” (ALBUQUERQUE JR, 2014, P. 43)

O sertão é um espaço de grande riqueza cultural, apesar das mazelas existentes por conta da natureza (como o clima seco), que interfere e influencia nas ações políticas para este espaço. A influência do em grandes obras de diversos autores, principalmente na obra de Euclides da Cunha que traz no retrato da Guerra de Canudos um olhar diferente do comumente atribuído ao sertão, tem-se as mesmas mazelas de clima, situação social, econômica e de progresso, mas é um olhar cuidadoso, compreensivo e fiel ao desejo de reflexão da sua história, luta e progresso diante da atual elite urbana. Os diversos autores brasileiros que escreveram o sertão ou saíram dele, evidencia o processo de representação do sertão atual, seu desenvolvimento e transformação que permitiu que o passar do tempo trouxesse o reconhecimento de sua qualidade e importância histórica.

O sertão de Euclides da Cunha não é mais o sertão dos dias atuais, onde mais de cem anos depois da Guerra, apesar de não sucumbir a hegemonia do progresso urbano, mantém suas histórias e costumes, tem se intensificado em melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes preservando sua memória social e valores de seus antepassados.

2.2 Escrita da história e identidade

A organização de marcos instauradores para a escrita da história dominante no Brasil, especialmente durante os centenários da Abolição e da República, evidenciou a produção de uma hegemonia política da memória instituída, que foram abonados por boa parte da produção historiográfica erudita. É importante ressaltar, que o evento ultrapassou o conflito armado e que há a possibilidade de uma releitura, como ficou claro nas comemorações da fundação do arraial. Nelas se resgatou a proposta de Canudos enquanto expressão de uma luta redentora dos pobres do campo em defesa da reforma agrária, abortada pela opressão coronelística republicana.

O florescimento do debate sobre o relato da história da Guerra de Canudos deve ser interpretado no contexto de conflitos e movimentos sociais gerados pelo processo de reconstrução democrática, que, ao exigir uma releitura da história do

Brasil, instaurou-se a necessidade de se incorporar, em suas hostes, a multiplicidade de atores sociais emergentes no cenário político.

Como todo programa político está intimamente ligado a um projeto de reconstrução do passado, o caso de Canudos tornava-se emblemático para os diferentes projetos políticos em confronto naquele momento histórico, resultando numa intensa produção cultural em torno do tema, especialmente, face à emergência cada vez maior de uma consciência camponesa que interpelava (e interpela) toda a sociedade brasileira.

Tem-se por identidade o sentido de imagem de si e a imagem que se tem dos outros, ou seja, a imagem adquirida por uma pessoa durante a vida é referente a ela mesma, acreditando na sua própria representação, sendo percebida pelos outros da maneira que ela deseja ser. Segundo Pollak (1992) na construção da identidade há três elementos essenciais:

[...] a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados.

A memória é uma parte da configuração do sentimento de identidade a qual é um fenômeno que trás para a sociedade a necessidade de aceitação, credibilidade, admissão através de negociação direta. Isso também pode ser identificado como a cultura de um povo. O que o livro de Euclides da Cunha proporcionou foi um relato da guerra que ficou registrado não apenas na história, mas na memória de sobreviventes e seus descendentes, na memória social da cidade e na forma como essa história é retratada atualmente e permitiu, através da comunicação, o outro lado dessa história. Um relato que comumente é trazido pelos vencedores de cada guerra, não pelos derrotados.

2.3 História dos vencidos

Euclides da Cunha é, para muitos na Canudos atual, um herói tal qual os moradores da Canudos derrotada no passado e seu líder Antônio Conselheiro. Seu relato da Guerra permitiu que a cidade (mesmo dizimada) tivesse uma versão

diferente e justa da que comumente é contada pelos vencedores. Ou seja, nem sempre as histórias contadas pelos vencedores são tão reais aos fatos e isso só pode ser apurado com um trabalho de pesquisa aos documentos históricos, onde se é permitido chegar ao verdadeiro relato ou os dois lados da história. No processo de construção deste trabalho foram utilizados diversos autores que contribuíram para o enriquecimento textual. Em um artigo online sobre a obra de Walter Benjamin, onde ele fala um pouco sobre a história dos vencidos no livro “Obras escolhidas”, Stella Penido diz que:

“O materialismo histórico não celebra os documentos da Cultura como manifestações dos mais fortes, mas procura resgatar, para a sua pesquisa histórica, a vivência daqueles que fracassaram. É preciso buscar os documentos dos que perderam, na medida em que o número de documentos deixados pelos que venceram é bem mais extenso e preservado como elemento da Cultura. Não é a história que existe nos livros oficiais que deve ser contada.”
(PENIDO, 1989)

Segundo o dicionário Aurélio, o termo “vencido” significa aquele que sofreu derrota, que foi vencido, derrotado. (AURÉLIO, 1999). Nesse caso a definição do termo não se aplica a Canudos que, apesar da derrota, teve sua história contada de forma mais próxima da realidade tratando seus guerreiros como os verdadeiros vencedores. O livro de Euclides da Cunha permitiu o acesso a informação sobre a Guerra, os acontecimentos que marcaram não apenas a história do sertão como da imprensa baiana e brasileira, proporcionando o destaque que atualmente lhe é atribuído.

Retratar a história dos vencidos é permitir o relato do outro lado da narrativa, a construção da outra face da história, sob outro aspecto, ou seja, apresentar um novo modo em como a mesma história pode ser contada, evidenciando as ações de determinadas classes ou grupos sociais inferiores tidos como vencidos pela história, que em dado momento privilegiou a classe dominante, no caso o vencedor. A história de Canudos que se ouve atualmente é o resultado do trabalho que Euclides da Cunha se preocupou em fazer para garantir que aquelas pessoas tivessem o direito de resposta, o massacre realizado em Canudos poderia ter sido narrado sobre outro aspecto, mas teve a oportunidade de ter o destaque do que realmente ocorreu. Euclides utilizou a comunicação (com sua profissão de Jornalista

correspondente enviado pelo jornal Folha São Paulo) como ferramenta de apresentação da verdadeira história de Canudos, proporcionando a ele o batismo com seu nome, de uma cidade próxima a Canudos atual.

Na *Revista da Bahia* de edição trimestral, em sua 2ª edição de setembro de 1997, traz na página 19, um trecho em que fala sobre a versão dos perdedores. A Revista apresenta o retrato de Canudos, não sob a ótica de Euclides, mas da memória de uma segunda geração de sertanejos, relatando a visão da história com base na memória das histórias contadas pelos antepassados, o cotidiano da velha Canudos. Nesse caso não é a representação de Euclides e sim das histórias contadas pelos sobreviventes da Guerra passada para as gerações futuras.

3 COMUNICAÇÃO

O termo Comunicação, que em latim significa “*comunicare*” quer dizer dividir algo, permitir que um determinado grupo de pessoas tome conhecimento de algo ou participe dela de algum modo, de certa forma, tornar algo comum. Foi por meio da comunicação que as pessoas passaram a dividir informações das mais diferentes formas, permitindo que o ato de comunicar se tornasse algo essencial para se viver em sociedade. A comunicação sempre foi algo de extrema importância desde as civilizações mais primitivas, sendo utilizada como ferramenta de interação e principalmente no desenvolvimento da sociedade.

A habilidade para comunicar foi desenvolvida diante das necessidades experimentadas pelas comunidades primitivas em termos de troca de informações e de relação com o outro. Nesse sentido, a comunicação (e pensando em como funciona a comunicação na atualidade), passa pelo processo de compreensão das crenças, modos de convivência de cada sociedade, comportamentos temporais ou não, que são influenciados pelos ruídos de interpretações culturais e compreensão no desenvolvimento de cada indivíduo.

Segundo Stuart Hall (2003), historicamente, a comunicação é uma atividade inerente à natureza humana que implica a interação e a posição comum de mensagens com significados, através de diversos canais e meios para influir, de alguma maneira, no comportamento de outros e na organização e desenvolvimento dos sistemas sociais.

O homem tem necessidade de estar em constante relação com o mundo, e para isso usa a comunicação como mediadora na interação social. Não apenas nesse aspecto, a comunicação, também analisada sob a ótica dos sociólogos, tem um significado importante nos dias atuais como ponto fundamental na construção, desenvolvimento, e funcionamento da sociedade mundial. Diante dos inúmeros problemas sociais existentes, faz-se necessária a comunicação que, em seu uso adequado, permite possibilidades de entendimento e solução de determinados problemas. A importância da comunicação desde os tempos primitivos, seguindo seu desenvolvimento ao longo dos séculos, reforça não apenas o conceito de sociedade, mas também compreende as transformações temporais como desenvolvimento da comunicação e da cultura. Albino Rubim fala da incidência da

comunicação na sociabilidade e das modalidades da sua conexão com a contemporaneidade: “Um dos desafios de pensar a comunicação na atualidade diz respeito a rigorosa compreensão do lugar ocupado pela comunicação, especialmente em sua versão midiática no mundo contemporâneo.” (RUBIM, 2000, p. 26)

Dentro do cenário de Canudos, a comunicação teve grande relevância principalmente no sentido de transmissão da informação. Esse processo foi importante no desenvolvimento da comunicação brasileira, pois além da sua divulgação ter repercutido mundialmente, possibilitou o progresso da imprensa enquanto comunicação e contribuição para o desenvolvimento da ciência da informação. Segundo Olivieri (1994), apesar da imprensa brasileira ter contribuído para aumentar o boato acerca da real causa da Guerra, as informações sobre os acontecimentos no sertão baiano, transmitidas pelos jornais da época, repercutiam diante da confiabilidade da população a esses veículos de comunicação.

3.1 A comunicação e sua importância na configuração da memória

Pelo fato de a comunicação possuir um papel importante no desenvolvimento da sociedade, ela permite a cada indivíduo transmitir a cultura herdada através das formas de comunicação. Isso se pode observar a partir do surgimento da cultura de massa no século XX, permitindo as transformações nas formas de convívio do homem contemporâneo. Antes da cultura de massa, o que se via eram as configurações culturais num sentido geral, os apanhados históricos com base nos valores éticos e morais que faziam parte das comunidades em geral, fortalecendo a ideia de padrão cultural. Partindo do conceito sociológico, Menezes (1973, p.147) sugere que o processo temporal que a comunicação sofre deveria ser encarado como uma base da vida social.

Com o surgimento da imprensa, o jornal teve um papel importante na disseminação da informação desde o seu surgimento no século XVII, e no decorrer do tempo foi se destacando no cenário político e social. A imprensa brasileira teve destaque internacional ao dar evidência a Guerra de Canudos, de certo modo inovando, pois, o momento que a sociedade passava naquela época, nenhuma notícia teve tamanha relevância ao ponto de ter destaque diário despertando o

interesse dos outros estados do Brasil e do mundo. A comunicação e a história tem uma parceria tanto em desenvolvimento quanto em busca pela informação. Os acontecimentos históricos marcantes tiveram notoriedade e grande repercussão social por conta da comunicação.

O processo de progresso e aprimoramento da comunicação através das suas contribuições à sociedade ao longo dos anos permitiu que sua credibilidade se firmasse e interferisse no processo de desenvolvimento social, tornando-a necessária e com competência para escrever a história. Atualmente a comunicação é peça chave no desenvolvimento da sociedade, ela está cada vez mais inserida no contexto social, através do advento da tecnologia, das novas formas de comunicação (como as redes sociais) e isso possibilita seu aprimoramento.

3.2 Importância da história de Canudos para o estado e sociedade

A Guerra de Canudos tem sua relevância tanto para o Estado da Bahia como para a sociedade, sendo do ponto de vista político, os conselheiristas aparecem como grupo opositor à implantação das novas leis republicanas. Sem darem conta que começavam a exercer o direito de democracia, não aceitavam tudo que estavam sendo-lhes imposto. Contudo, no artigo 3º da Constituição afirma-se que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é construir uma sociedade livre, justa e solidária; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, e, nos termos do art. 193, "a ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais". O movimento conselheirista foi um "grito" indireto contra o Estado dos *landlords* – elite política. Sendo capaz de mobilizar o país apesar de que as notícias transmitidas pelos jornais da época apontavam Canudos como fortes aliados monarquistas e atraso da nação. No campo da comunicação podemos ver como essa ferramenta pode ser utilizada a favor ou contra um determinado grupo social. A comunicação, inicialmente tendo sido utilizada como arma contra os canudenses, posteriormente, teve sua influência utilizada como forma de reescrever essa mesma história.

No campo religioso, tem em seu líder um ser supremo, um enviado por Deus, o salvador com o objetivo de levar o povo à "terra prometida", capazes de lutarem até a morte em seu nome, antes buscado no padre Cícero. Estavam sempre

rezando e confiantes nas palavras cristãs do “Bom Conselheiro” de que toda a guerra iria acabar. Apesar de não ter sido ordenado padre, Antônio Conselheiro com seus sermões pregava para os seus seguidores afirmando que a república queria acabar com a religião:

[...] O arraial foi uma comunidade religiosa, liderada por um beato, e a migração para o Belo Monte deveu-se ao fascínio exercido pelo Conselheiro. O seu exemplo de vida, a entrega total a Deus a vinculação desta profunda religiosidade com as necessidades materiais de um povo sofrido, abandonado pelo poder público, que só aparecia para recolher impostos, acabou transformando o arraial e a mensagem de seu líder em sinônimo de liberdade para o sertanejo, oprimido pelo latifúndio, pelo Estado e por uma igreja distante e ausente. [...] (VILLA, 1995, p.244)

Sem esquecer a importância da relação contemporânea entre a cultura e identidade, essa discussão acaba sendo influenciada por diversas questões. Individualmente ou coletivamente a identidade cultural exerce a função de delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e também as características de cada grupo social. A constante influência do meio acaba modificando um ser já que nosso mundo é repleto de inovações e características passageiras, os chamados "modismos". No passado as identidades eram mais conservadas devido à falta de contato entre culturas diferentes; porém, com a globalização, mudou essa a concepção, onde indivíduos interagem mais entre si e com o mundo ao seu redor. Uma pessoa que nasce em um lugar absorve todas as características deste, entretanto, se ela for submetida a uma cultura diferente por muito tempo, ela acabará extraindo inconscientemente características do novo local.

Segundo Stuart Hall (1999) uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados à nossa herança, a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais. Ao estudar a questão, o autor foca as identidades culturais como referências às culturas nacionais. Para ele, a nação é além de uma entidade política – o Estado –, ela é um **sistema de representação cultural** (grifos do autor). Noutros termos, a nação é composta de representações e símbolos que fundamentam a constituição de uma dada identidade nacional. De acordo com Hall (1999), as culturas nacionais produzem sentidos com os quais podemos nos **identificar** (grifo do autor) e constroem, assim, suas identidades. Esses sentidos

estão contidos em histórias, memórias e imagens que servem de referências para a configuração de uma identidade da nação.

A influência que a Guerra de Canudos teve na formação da identidade cultural brasileira, evidencia na memória do povo não somente da região vivenciada, como também dos conhecedores dessas ações, tradições e costumes dos sertanejos, comprovando a existência dessa essência interior individual e coletiva no panorama atual tanto nacional como internacionalmente.

O jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva, em documento publicado na Folha de São Paulo em 2003, trás a público a obra *Um Místico Brasileiro*, lançada no Brasil em comemoração ao centenário do livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha, escrito pelo inglês Robert B. Cunninghame Graham (2002), teve valor identificado devido a forte influencia euclidiana em sua obra. O livro revela a importância da obra de Euclides na América do Sul. Carlos Eduardo ressalta que a crítica literária internacional coloca *Um Místico Brasileiro* entre as principais grandes obras escritas sobre Canudos. A publicação da obra do escritor inglês tinha como público alvo os integrantes da elite cultural dos centros de poder geopolítico mundial da época. A partir desses relatos, pode-se observar o quanto a história de Canudos repercutiu na época.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como forma de verificar a contribuição do livro *Os Sertões – campanha de Canudos* (2007) de Euclides da Cunha, na forma como Canudos é retratada nos dias atuais, foi feito um quadro comparativo entre as edições de duas revistas baianas (*Via Bahia* e *Revista da Bahia*), trimestrais, no mês do centenário da Guerra em setembro de 1997, foi analisado também um artigo de Léa Costa Santana Dias, intitulado “*Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos*” lançado na Revista *Outros Sertões* de junho de 2005. Dentro de cada periódico foram analisados o espaço dedicado ao retrato da Guerra, a relevância do livro de Euclides da Cunha à forma como Canudos é retratada atualmente, além de aspectos que colocaram Canudos, na história, como vencedora e não como vencida.

Os dados coletados, a partir das análises acima citadas, serão apresentados em tabela para melhor visualização e compreensão da pesquisa.

Quadro I - Comparativo sobre a abordagem das revistas sobre o tema:

Ponto Analisado – Espaço dedicado ao centenário da Guerra		
Revista Via Bahia	Revista da Bahia	Artigo “ <i>Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos</i> ” de Léa Costa Santana
Edição de setembro/1997, dedicou da página 14 à 17 para fazer um breve resumo da Guerra, sua importância 100 anos depois e os eventos que seriam realizados nas cidades de Salvador, Canudos e Euclides da Cunha no mês de outubro, em memória do genocídio ocorrido em 1897.	Edição de setembro de 1997, a revista continha 69 páginas e dedicou da página 6 à 49 para retratar a Guerra de maneira detalhada, apresentando um resumo da história, falando sobre Euclides da Cunha, Conselheiro e seus seguidores, situação política da época, poemas e sonetos à favor e contra a Guerra, situação atual do local onde ocorreu o massacre e como Canudos é vista nos dias atuais.	No artigo publicado em 2005 não há citação ao centenário da guerra. A autora objetiva frisar o impacto do livro de Euclides da Cunha apesar das seis obras lançadas antes de <i>Os Sertões</i> .

Quadro elaborado pela autora

Quadro II - Comparativo sobre a abordagem das revistas sobre o tema:

Ponto Analisado – Contribuição do livro <i>Os Sertões</i> para o retrato atual de Canudos		
Revista Via Bahia	Revista da Bahia	Artigo “<i>Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos</i>” de Léa Costa Santana
A revista trás aspectos da Guerra de maneira resumida, preservando a visão euclidiana, fortemente presente na maioria da literatura sobre Canudos, nas obras de arte apresentadas na comemoração ao centenário do fim do massacre e no filme <i>Guerra de Canudos</i> de Sérgio Rezende.	Na página 44, o periódico levanta o questionamento: “E se não fosse Euclides da Cunha e <i>Os Sertões</i> o que teria sido de Canudos?”, destacando a importância do livro para o retrato atual dessa história, a sensibilidade de detalhes apresentados no livro, frisando a brutalidade e frieza do Estado diante de um povo humilde, sensível e guerreiro até o último instante.	O artigo diz que (teoricamente) <i>Os Sertões</i> apesar de não ser necessariamente a história da Campanha de Canudos, alguns aspectos trazidos por Euclides como histórico político do escritor, presença no cenário da guerra dentre outros, contribuiu para o retrato atual de Canudos e permitiu que seu livro se tornasse um referencial da Guerra.

Quadro elaborado pela autora

Quadro III - Comparativo sobre a abordagem das revistas sobre o tema:

Ponto Analisado – Aspectos que colocam Canudos como vencedora e não como vencida		
Revista Via Bahia	Revista da Bahia	Artigo “<i>Os sertões: um enredo além da história da campanha de Canudos</i>” de Léa Costa Santana
A revista utiliza frequentemente as palavras massacre, genocídio e tortura. Dá destaque ao termo “erro histórico” como forma de reparação ao acontecimento e aborda as festividades realizadas, como comemoração do fim do massacre, colocando os seguidores de Conselheiro como os heróis desta história.	Na página 19, com o subtítulo de <i>Versão dos perdedores</i> , a revista destaca que Euclides da Cunha fundamentou sua pesquisa apenas na visão dos derrotados, optando por não ouvir o outro lado da história (a versão dos vencedores comumente abordada nas histórias), destacou também que esse diferencial permitiu que à narrativa apresentada a contribuição para que os habitantes de Canudos fosse lembrado como o protagonista dessa história.	O texto apresenta um retrato dos canudenses como marginalizados sociais (grifo da autora), composto por ex-escravos, retirantes em busca de qualidade de vida (devido a prosperidade aparente no local) e opositores a República recém-instaurada. Contribuindo para a idealização de um povo historicamente oprimido que apesar de reduzidos a dezenas, foram retratados como heróis.

Quadro elaborado pela autora

5 ANÁLISE DOS QUADROS

Quadro I – É possível, partir dos dados analisados, observar que a *Revista Via Bahia* apesar do pouco espaço na pauta se preocupou em fazer um apanhado da agenda cultural que tinha como pano de fundo o centenário da guerra. Mostra de artes, lançamentos no cinema, atividades culturais além da inauguração do Memorial de Canudos foram destaque na edição trimestral.

A *Revista da Bahia* Dedicou um espaço maior contemplando todo o período da guerra passando pelo processo de transformação que o Brasil vivia naquele momento. Falou da trajetória de Euclides da Cunha até o final da guerra, analisou a guerra de forma mais minuciosa destacando os aspectos importantes para que a história fosse mais bem apresentada, tudo o que foi lançado na época, destacou os poemas a favor e contra os canudenses. A Revista abordou todo o processo antes e depois da Guerra, como por exemplo, como surgiu o povo, de onde vinham, os escravos conhecidos como “Gente Treze de Maio” e a grande mistura composta por negros, brancos, caboclos e até índios. A Revista trouxe também informação sobre a formação de Antônio conselheiro e a origem de suas pregações, devido ao seu estudo ao sacerdócio quando jovem e exemplificou a prosperidade canudense ao trazer a informação de que ao final da Guerra, era normal encontrar pessoas com 1 conto de réis, que naquela época era muito dinheiro. A *Revista da Bahia* foi muito rica em seu detalhamento da Canudos desde sua criação até o momento de destruição.

Na edição citada, a Revista faz um breve resumo da situação política da época como forma de explicar a Guerra. A fragilidade a que estava exposto o novo Governo, a ideologia política do jornalista Euclides da Cunha, sua visão partidária e como sua concepção foi alterada ao conhecer o outro lado da história ao qual tinha sido apresentado.

O artigo publicado na revista *Outros Sertões* não faz nenhuma referência ao centenário da guerra, pois, o seu objetivo é apresentar o resultado do estudo realizado a partir da obra euclidiana com o retrato atual de Canudos, apesar de Euclides nem sempre ter sido a favor dos seguidores de Conselheiro e da história do sertão. O artigo de Léa não é tão otimista quanto os ideais de Euclides da Cunha, pelo contrário, apesar da autora abordar a transformação do jornalista, ela fala de

seus ideais políticos, as impressões dele quanto à mistura de raças e como isso influenciou no seu impacto diante do cenário a que foi exposto quando chegou em Canudos.

Quadro II – Neste quadro cujo objetivo é analisar se há referência a abordagem da contribuição de Euclides e sua obra para a forma como Canudos é retratada atualmente, a *Revista Via Bahia*, de modo resumido, trás aspectos da guerra demonstrando a interferência da obra de Euclides presente nos eventos comemorativos no cinema de Sérgio Rezende, onde com sua obra recém lançada trás uma visão de Canudos baseada na obra euclidiana.

Por sua vez, a *Revista da Bahia*, como forma de reforçar a importância da obra de Euclides, destacou os pontos no texto, apresentando o retrato atual de Canudos ao passo que destaca as atrocidades cometidas contra o sertanejo canudense até o final quando a cidade é queimada. Na página 44 da edição citada, a *Revista da Bahia*, como forma de atribuir o retrato atual de Canudos à obra de Euclides da Cunha, levanta o seguinte questionamento: “Se não fosse Euclides da Cunha e *Os Sertões*, o que teria sido de Canudos?”. Apesar das inúmeras obras lançadas na época sobre o massacre de Canudos, dos diversos livros, artigos, e notas em jornais entre 1900 e 1902 (ano de lançamento de *Os Sertões*), deixa claro a importância que a obra e a presença de Euclides em Canudos, fez toda diferença para que a sua obra tivesse o reconhecimento que teve e influência no retrato atual de Canudos.

No artigo da revista *Outros Sertões*, a autora afirma que o livro de Euclides da Cunha teve sua parcela de relevância no retrato atual de Canudos. Ela (a obra euclidiana) possibilita o leitor a conhecer mais profundamente a história de Canudos, sua influência na comunicação e na política para ter o destaque atual necessário.

Quadro III – A *Revista Via Bahia*, como forma de evidenciar a história da guerra utilizou palavras como “massacre”, “genocídio” e “tortura”. Essas palavras só reforçam a crueldade do ato cometido contra Canudos, consequentemente fazendo do Estado o algoz dessa história.

A *Revista da Bahia* optou por mostrar como Euclides não deu voz ao outro lado da história. Eles tinham a credibilidade dos veículos de imprensa ao seu favor. Canudos, como diferencial na história, teve o destaque (habitualmente atribuídos aos vencedores) permitindo que sua real história fosse contada.

As revistas baianas que deram destaque ao centenário da guerra teve o cuidado de apresentar um resumo da história que faz parte da história do Estado da Bahia, da história do sertão, em uma época onde não existia democracia, diante de um Estado que não se preocupava com as necessidades da minoria. Na revista *Outros Sertões*, o artigo de Léa Costa trás não apenas o impacto do livro de Euclides da Cunha, mas também é possível observar que a autora traça um perfil do autor de *Os Sertões* antes e depois de Canudos, os pensamentos dele antes de chegar ao vilarejo, seus ideais e teses separatistas de “hierarquização preconceituosa entre os mestiços”, “homogeneidade étnica”, “raça inferior” dentre outros, até o “novo” Euclides, depois de ter entendido o conflito como um todo, ter vivenciado de perto o massacre protagonizado pelo Estado que ele estava ali representando e, apesar da autora deixar claro em seu artigo que (teoricamente) *Os Sertões* não é necessariamente a história da Campanha de Canudos, o fato de Euclides ter sido correspondente de guerra, ter sido uma das últimas testemunhas oculares, permitiu que seu relato tivesse maior relevância diante dos outros anteriormente lançados com o mesmo tema, tendo sido utilizado com referência obrigatória para os estudos desse acontecimento histórico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos quadros apresentados e na fundamentação teórica da pesquisa apresentada, conclui-se que o livro *Os Sertões* contribuiu para a forma como Canudos é retratada atualmente. O escritor e jornalista Euclides da Cunha em seu retrato da guerra permitiu que Canudos tivesse sua história contada de forma diferente das histórias comumente narradas pelos vencedores. Todo o processo da guerra, todo o ataque sofrido pelo povo através da mão forte do governo, a história do sertanejo retirante foi trazida de forma minuciosa, detalhada e que permitiu o leitor acessar ao outro dado da história.

Um dos fatores determinantes para que Euclides da Cunha tivesse êxito em sua obra era que além do seu histórico político ele foi testemunha ocular da guerra. Em seu livro, Euclides deixava claro que o massacre ocorrido em Canudos teria sido o resultado da instabilidade dos primeiros anos da República, decretada de forma improvisada, utilizava dos códigos europeus para se fundamentar. A república mesmo não encontrando provas de que Conselheiros e seus seguidores eram associados do partido Monárquico, o Estado insistiu no massacre como forma de impor a superioridade e/ou autoridade da República.

Diante desse contexto e dos resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se verificar também, a importância que a comunicação teve dentro desse processo de construção da história de Canudos. O destaque para a guerra como o primeiro acontecimento histórico brasileiro a ter cobertura diária na imprensa, os elementos da guerra que foram amplamente divulgados tanto no Brasil como no mundo principalmente nos países da Europa, dentre outros aspectos como os diversos livros e artigos publicados até então sobre a história de Canudos, a interferência da comunicação trouxe um diferencial não apenas para o evento, mas como também para a história do Brasil. Euclides da Cunha era, não apenas mais um militante político, mas apesar das inúmeras profissões que possuía (Engenheiro, Militar, Jornalista, Historiador, professor, dentre outras), a comunicação trouxe o reconhecimento e destaque na sua história e na história de Canudos. A comunicação sempre foi de grande relevância histórica e contribuiu não apenas com o desenvolvimento da sociedade como também no desenvolvimento da história.

Atualmente, a história de Canudos que é contada, nem de longe lembra os relatos disseminados na época da guerra. Com o passar do tempo as histórias vão

se perdendo no caminho, sendo necessária a releitura da história para disseminação da cultura e dos acontecimentos o mais próximo da realidade. Um dos problemas da modernidade é que ela propicia a fragmentação da identidade. Conforme Stuart Hall (1999), as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais fornecem “solidas localizações” para os indivíduos.

A sociedade vive momentos evolutivos e de modismo e transformações temporais, o qual impede que as pessoas tenham um modelo fixo de identidade, tendo que criar uma identidade fictícia como forma de encarar o mundo e suas mudanças. Daí a importância de não apenas constituir a história, mas também, de permitir a sua preservação e disseminação para que as novas gerações tenham acesso aos antigos modos, costumes e identidades, e também para que a história não se perca com o passar dos anos.

A presente pesquisa reforçou a importância da comunicação não apenas no aspecto de divulgação da informação acerca da história de Canudos, como também destacou a sua importância no retrato da formação da identidade daquele povo, sendo sua contribuição para a sociedade a valorização e divulgação da história que fez parte do nordeste, da luta de uma parte do sertão diante da imposição política a qual foi submetido. A omissão dessas informações ou a falta de incentivo ao conhecimento histórico desse e de outros eventos históricos, implica no esquecimento de acontecimentos que fizeram parte da memória coletiva do país diante da sua força de vontade e anseio pela formação de uma sociedade mais igualitária onde todos tivessem acesso às mesmas oportunidades.

O livro de Euclides da Cunha, não apenas como documento histórico mas, como o retrato de uma guerra e progresso da comunicação (pelo menos no âmbito nacional), trouxe evidências sobre os acontecimentos que marcaram aquela época, trazendo para a nação de uma forma ou de outra a sua contribuição para uma Canudos retratada de forma totalmente diferente a que se é atribuída aos derrotados. A influência da comunicação e da cultura contidas no livro e nas análises dessa obra é extremamente importante, sendo um papel relevante como marco histórico e como constituição da memória.

Em síntese, através do trabalho apresentado, observa-se a importância da comunicação como disseminação de informação e em se preservar a memória nacional através da história de cada povo, como forma de fomento a cultura, destacando os aspectos que enriqueçam o conhecimento cultural de cada povo,

através da comunicação no registro das informações e bem representada por Euclides da Cunha em sua obra ao relatar a Guerra de Canudos.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. As origens do povo do Bom Jesus Conselheiro. In_____ **Revista USP**, Dossiê Canudos, n.20, pp. 89-99, dez/1993-fev/1994.

BARBERO, J. M. Saberes de hoje: disseminações, competências e transversalidade. In_____ **Comunicação e história interfaces e novas abordagens**. MAUAD, 2008. P 237-252

BARROS, Maria Helena T. C. **Disseminação da Informação**: entre a teoria e a prática. Marília: s.n., 2003.

BRASIL. Constituição da República Federativa de 1988. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 28 jun. 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Coleção descobrindo clássicos. 9ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record. 2007. 596 p.

DA SILVA, C. E. L. Cunninghame Graham vê Canudos com olhos europeus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 fev. 2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1502200315.htm>. Acesso em: 19 nov. 2014

GOMES, João Carlos Teixeira. **A tempestade engarrafada (ensaios)**. “Os Sertões”: Trajetória de uma consciência. EGBA. Bahia, 1995. p. 223-231.

GUERRA, Sérgio. **Universos em confronto**: Canudos x Belo Monte. Gráfica da UNEB, 2000. 192 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da república**: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Rio de Janeiro: Tempo, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

MARCIANO, Frei João Evangelista de Monte M. Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no arraial de Canudos. Bahia: Typographia do Correio de Notícias, 1895, p.2.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. Coleção Brasileira (vol. 355, 2a.ed).

O LEGADO DA GUERRA DE CANUDOS. Disponível em:
<http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/o-legado-da-guerra-de-canudos>.
Acesso em: 10 de set. 2014

O OLHO DA HISTÓRIA: REVISTA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA. Dossiê Canudos. V. 2, n. 3. Salvador, 1996. p. 93-172.

OLIVIERI, Antônio Carlos. **Canudos**: Coleção Guerras e revoluções brasileiras. São Paulo: Editora Ática S. A. 1994. 40 p.

PENIDO, Stella. **Walter Benjamin: a história como construção da alegoria**. O Estado de S. Paulo, 9 de mar.1997, apud Suely Robles Reis de Queiroz, op. cit., p.45.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In_____ **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212, (vol. 5, n. 10)

PROJETO HISTÓRIA 10: REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM HISTÓRIA E DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA PUC. São Paulo, dez. 1993. Nº 10

REVISTA DA BAHIA. Bahia: EGBA (Empresa Gráfica da Bahia), 1997 Guerra de Canudos: 100 anos de penitência. ISSN .0103-2089

REVISTA OUTROS SERTÕES. Bahia: UNEB (Universidade Estadual da Bahia), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. 2005. ISSN 1808-4478

REVISTA VIA BAHIA. Bahia: EGBA (Empresa Gráfica da Bahia), 1997. Canudos: da tragédia ao esplendor.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. A contemporaneidade como idade média. In_____ Interface _ Comunicação, Saúde, Educação, v.4, n.7, p.25-36, 2000.

SOBREVIVENTES: Filhos da Guerra de Canudos. Documentário. Diretor: Paulo Fontenelle. Fotografia: Marcio Bredariol e Cleisson Vidal. Montagem: Paulo Fontenelle. Trilha sonora: Marcos Souza. Produtora: Cleyde Afonso, 2004. 72 min, longa-metragem 35 mm.

TAVARES, Odorico. **Canudos**: Cinquenta anos depois (1947). Salvador, 1993. 93 p.

Um confronto no sertão brasileiro em pleno século XIX: 15 raras fotografias da Guerra de Canudos. Disponível em: <http://www.historiaillustrada.com.br/2014/06/fotos-da-guerra-de-canudos.html#.VB3nJpRdWSp>. Acesso em: 02 de set. 2014.

VILLA, Marco Antônio. **Canudos**: o povo da terra. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

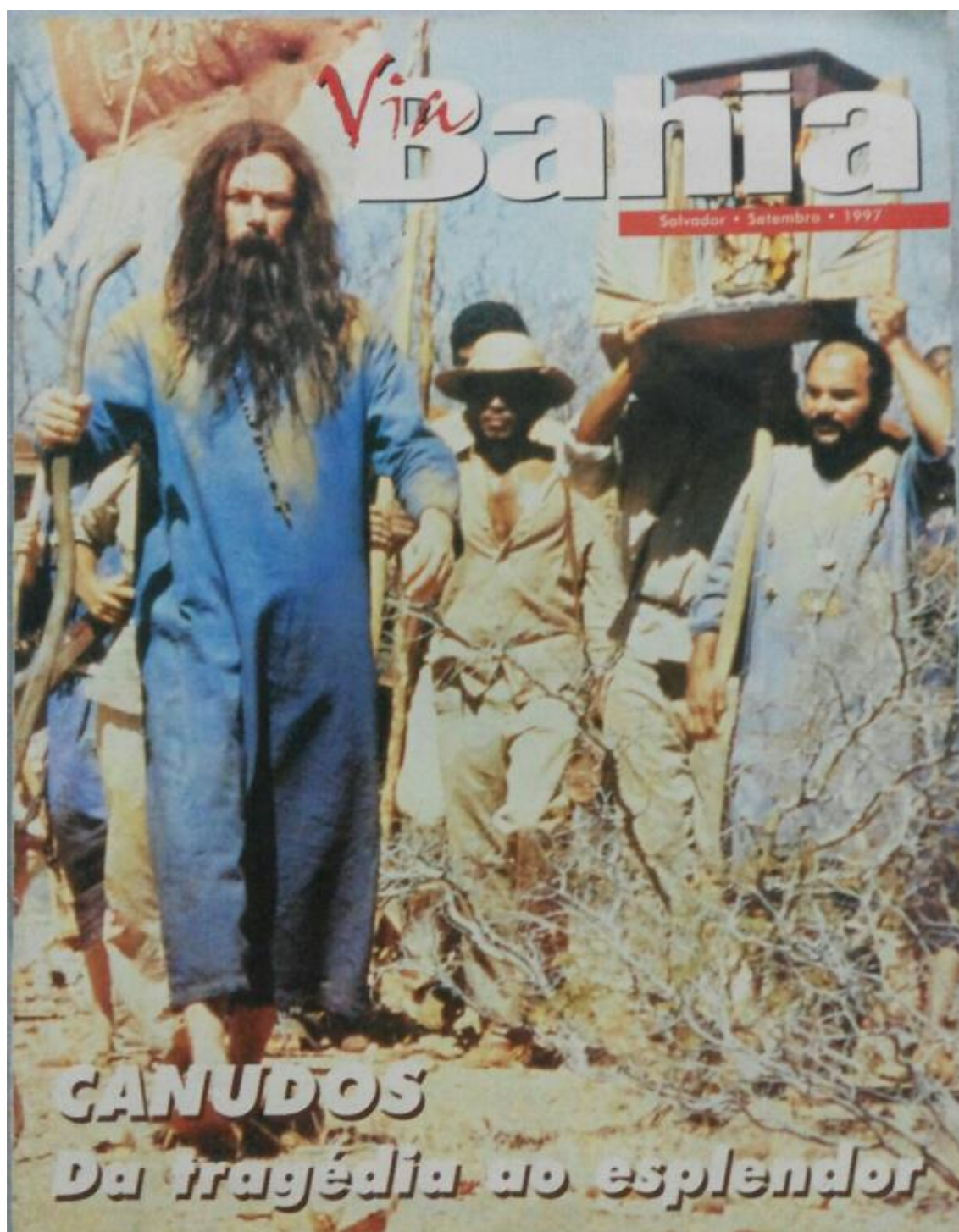
WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Conceito de comunicação de massa. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunica%C3%A7%C3%A3o_de_massa> Acesso em: 23 de out. 2014.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre: Antônio Conselheiro. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Conselheiro>. Acesso em: 01 jul. 2011.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre: Guerra de Canudos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos>. Acesso em: 01 jul. 2011

ANEXOS

ANEXO A – Capa da Revista Via Bahia



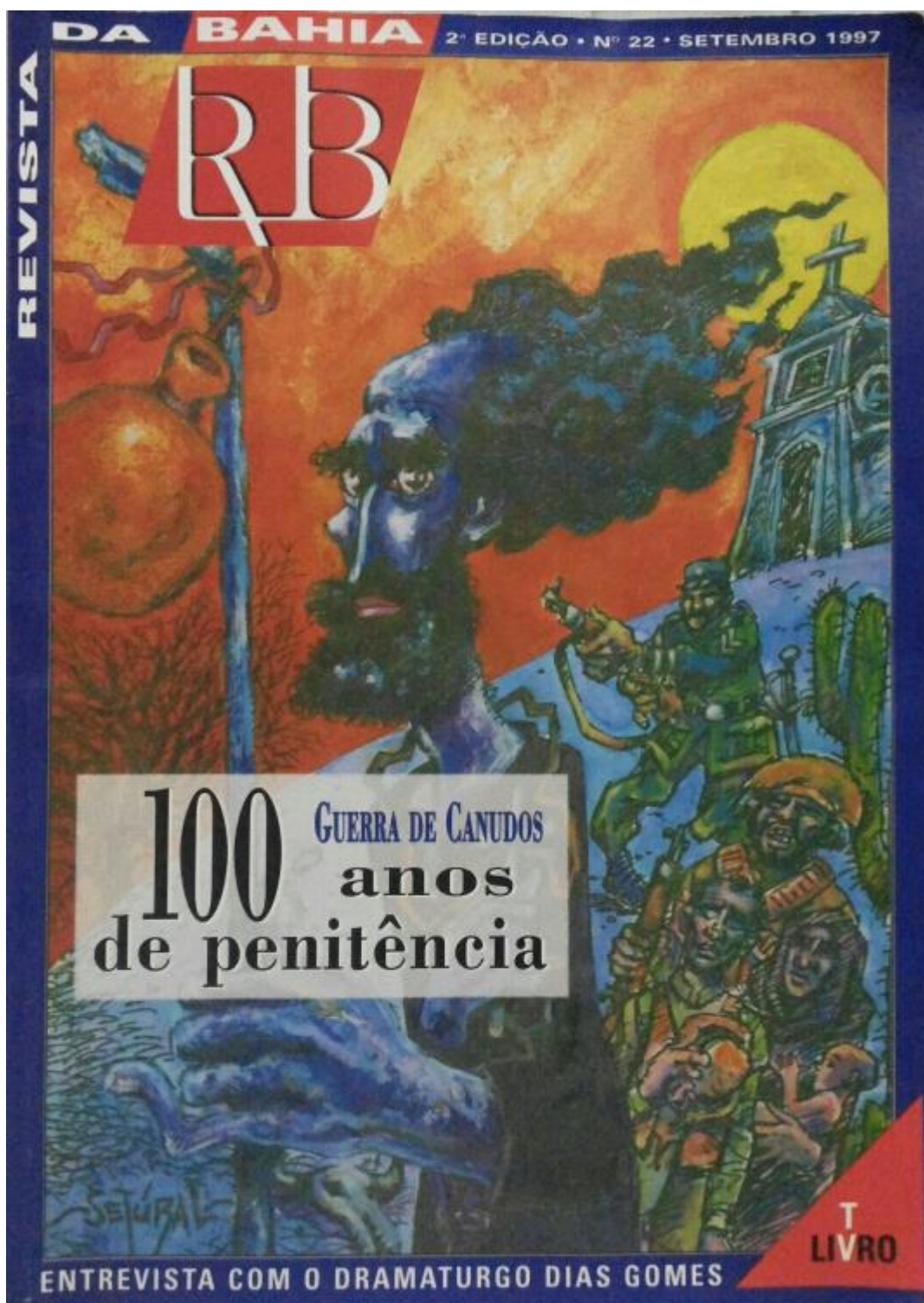
Revista Via Bahia

Edição: Setembro de 1997

Governo de Paulo Ganem Souto

Secretário da Cultura e Turismo: Paulo Renato Dantas Gaudenzi

ANEXO B – Capa da Revista da Bahia



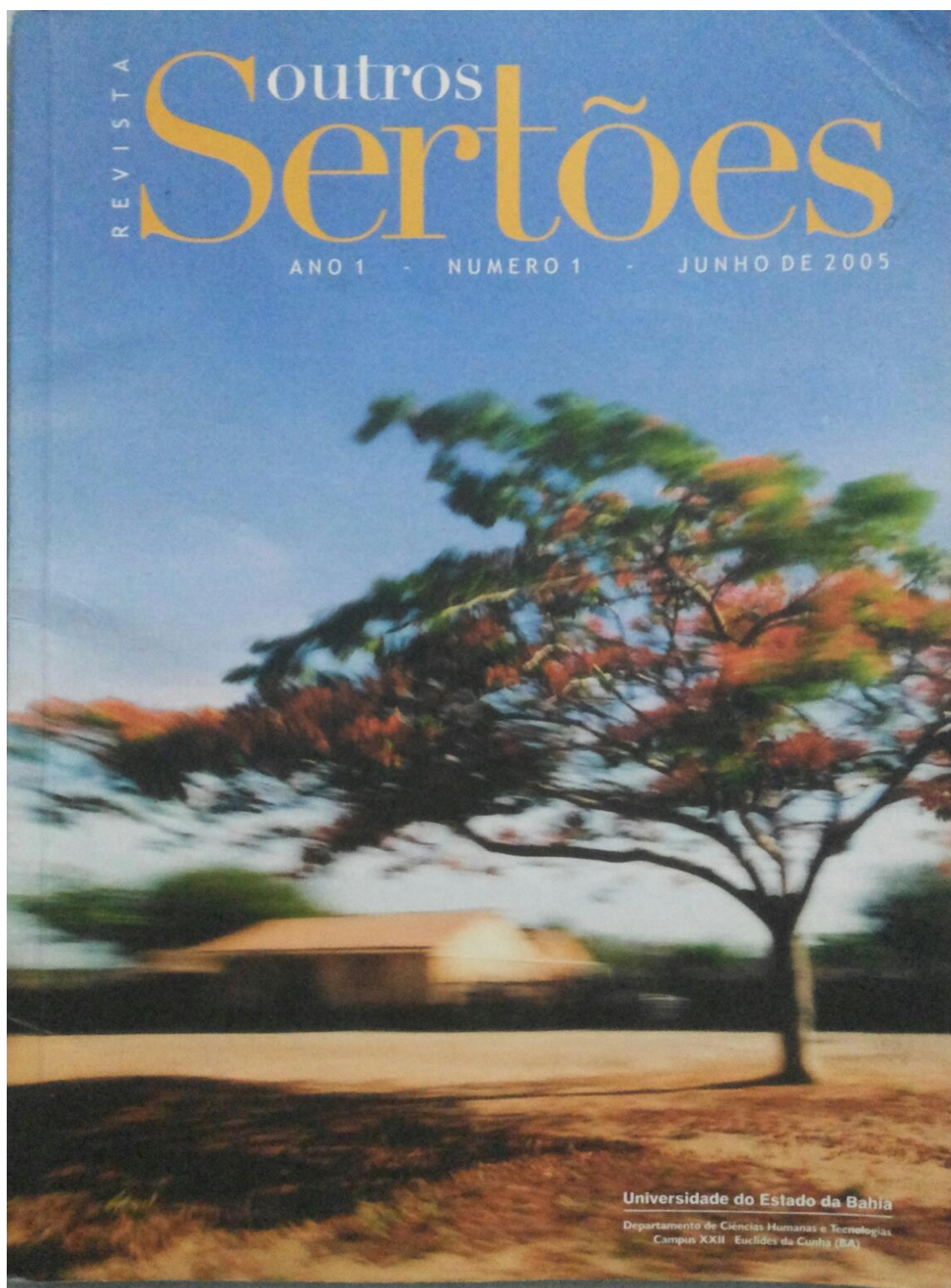
Revista Via Bahia

Edição: Setembro de 1997

Governo de Paulo Ganem Souto

Secretário da Cultura e Turismo: Paulo Renato Dantas Gaudenzi

ANEXO C – Capa da revista Outros Sertões



Revista Outros Sertões

Edição: Junho de 2005

Governo de Paulo Ganem Souto

Secretário da Cultura e Turismo: Paulo Renato Dantas Gaudenzi